



EDUARDO TORNAGHI

**“Minha busca na favela, rua, cadeia, puteiro ou lavoura
é seguir a lição de Mário de Andrade,
Villa-Lobos e Guimarães Rosa”**

Em Eduardo Tornaghi, ética e estética se fundem de uma maneira muito particular. Filho do que Gilberto Freyre chamou de casa-grande e beneficiado logo cedo pelo sucesso televisivo, o ator trocou a facilidade pela entrega a projetos pouco ou nada rentáveis, que leva adiante com muita dedicação.

Apaixonado pela boa literatura, pode ser visto animando vários saraus da cidade do Rio de Janeiro, com destaque para o Pelada Poética, que organiza nas noites de quarta-feira na Praia do Leme, em frente ao quiosque Estrela de Luz. Também pode ser encontrado pela internet no Papopoético (<http://papopoetico.blogspot.com>), no qual veicula suas gravações de poemas brasileiros de todos os tempos.

Na entrevista abaixo, concedida por e-mail a **Leo Martins** (graduado em Letras pela UFRJ), Eduardo traça um rápido panorama da vida literária nas últimas décadas e fala sobre diferentes maneiras de se conquistar leitor para a poesia. Com a modéstia de sempre, também comenta sua primeira incursão no campo autoral: o volume de poemas *Material de rascunho*, vindo a lume em 2009.

Você nasceu em 1951, portanto atravessou parte da adolescência e a juventude sob o regime militar. Como foi essa vivência de chumbo para um filho de almirante que fazia poesia?

Com ele aprendi que você pode ser de direita sem deixar de ser civilizado ou interessado no bem comum. Ele conspirou contra o governo Goulart, trabalhou no governo do Castelo e se afastou quando a brutalidade se instalou, amargando um duro ostracismo. Debatíamos política abertamente e ele respeitava minha posição. Lembro do dia em que, após uma defesa apaixonada de tese, cheia de cifras e citações, ele me perguntou quais eram as minhas fontes. Percebi no ato que estava repetindo um monte de coisa que só sabia de ouvir falar e fui tratar de fundamentar meu discurso. Noutro momento, pegava o violão e brincávamos de improvisar quadras no andamento.

A convivência política e poética com ele me ensinou a aceitar o contraditório. Entre direita e esquerda, por exemplo, foi se formando em mim a convicção de que a militância essencial é pelo respeito. Qualquer ideal precisa ser balizado pelo respeito ao outro, respeito à mediocridade (é duro de aceitar, mas a mediocridade é a média, portanto a maioria, portanto o voto vencedor) etc. Durante a guerra ele comandou um caça-submarino. Os navios viajavam em comboios para se proteger de ataques. Ele me ensinou o óbvio: a velocidade do comboio é a velocidade do navio mais lento. Não adianta seu navio ser veloz; se você se adianta do grupo, vai ser torpedeado. Se quiser andar mais rápido, tem que ajudar o navio mais lento. A sociedade e cada um de nós é um comboio. Temos de encontrar e melhorar o que é mais lento, na sociedade e em nós mesmos, se quisermos andar mais rápido. Para isso, é necessário o olhar respeitoso, que enxerga em vez de presumir, pois frequentemente a lentidão se disfarça em erudição e a rapidez se confunde com analfabetismo.

Logo cedo você se tornou um galã global muito assediado, com direito a capas de revista e roupa rasgada. No entanto, em vez de se acomodar na fama, mostrou-se crítico em relação à glamorização e ao direitismo da tevê brasileira. Isso explicaria a redução paulatina de sua participação em telenovelas?

Fazer novela é muito legal. Um mergulho de meses num trabalho incessante é um sonho para um ator. Acho que, no fundo, saí da tevê pelo mesmo motivo que saí do PC, do serviço público, da Igreja, da universidade etc. Gosto de pensar que sou um lobo solitário, mas o fato é que sou uma ostra. À parte isso, não conseguia me enquadrar no papel de “privilegiado” numa sociedade tão excludente. Muitas vezes me senti mal por ser “protegido” da multidão. E pior, senti o gosto da corrupção. Ser famoso é um pequeno poder, mas é suficiente para nos levar a erros perigosos. Todo poder corrompe, e o processo é extremamente sutil. Você não precisa ser um fdp interesseiro e egoísta para ser corrompido, ao contrário. Frequentemente a corrupção se disfarça nas suas melhores qualidades, e pronto, sem que se perceba você já está achando que é melhor que os outros: mais generoso, mais lúcido, seja o que for. O que me salvou é que sou competitivo e covarde. Fiquei com medo de enfrentar tanto apetite pelo sucesso e caí fora, deixa para quem quer mais do que eu. Mas às vezes bate uma síndrome de abstinência – que a fama e o privilégio viciam.

O distanciamento em relação à televisão ocorreu paralelamente à crescente entrega a textos propriamente literários, vale dizer, abertos à vida mas também à criação. Mostra disso foi tentar montar um

espetáculo teatral com a prosa de Guimarães Rosa e, posteriormente, gravar uma série de pequenos filmes com versos de um rol de poetas que vão de Bandeira e Mário de Andrade a Gullar e Leminski, passando por Secchin e contemporâneos ainda pouco conhecidos. Por favor, comente sua relação, como ator, com a palavra tragada pelo prosaísmo e o verbo vivificado pela imaginação.

Sempre gostei de ler. Tive a sorte de ser bem apresentado à literatura. Ela se mostrou uma alternativa ótima quando perdi meu sócio, que era a alma de nossa produtora. Com a morte do Luiz Armando e as mudanças drásticas no esquema de produção teatral (tornando o teatro muito mais caro de fazer), fiquei meio sem opção. Daí, peguei meu amor pelos livros e fui para a rua. Então descobri a internet e a possibilidade de fazer o que me desse na telha.

Bem, se a palavra for “tragada” pela prosa de um Graciliano, vou amar. Aprendi a ler com prazer, saboreando como experiência vivida e viajando em intenções e sensações. No teatro descobri que falar é como dançar ou abraçar alguém. O ser humano tem necessidade de se expressar, comunicar, sentir que tocou o outro, que dividiu com ele algo que viveu. Esse é o trabalho do ator. Tocar o outro com uma experiência viva. Quando acontece um encontro verdadeiro, você vive um tipo de orgasmo, aí sabe que naquele momento foi artista. Nesse caso, independe de ser prosa ou poesia, importa que a palavra (com seus silêncios) esteja viva e ecoe. Quando o material é boa literatura, fica muito mais fácil e divertido.

Em 2009, o ator finalmente virou autor e lançou o volume de poemas Material de rascunho. Como foi a passagem de intérprete a produtor de poesia?

Foi um exercício muito legal. Algumas travas e muita preguiça atrasaram demais minha entrada na brincadeira. Foi preciso que o Cairo (Trindade) viesse me alugar o ouvido: “Você tem que escrever!”. Resisti um pouco, mas não encontrei nenhum argumento válido além da preguiça, daí fui fundo. Vou ser sempre grato a ele. Toda vida tinha escrito coisas que nunca desenvolvi, algumas delas sobreviveram para chegar ao livro. Mas o dito não se chama *Matéria de rascunho* à toa. Foi um rascunho mesmo, um ensaio para poeta. Comecei a estudar e experimentar as diversas formas e não-formas da poesia e o resultado do estudo compõe o livro.

O fato é que escrever dá um trabalho enorme. “Lutar com as palavras” é duro, frustrante quase o tempo todo, você fica se sentindo um idiota, incapaz de exprimir direito qualquer coisa, mas quando sai o gol... O momento em que você sente que disse qualquer coisa que valha a pena compensa tudo. Ou melhor, revela. Revela o quanto a frustração, a sensação de idiotia, eram apenas a força à frente da realização.

Tem-se a impressão de que a poesia lhe possibilitou fundir as militâncias política e literária. A primeira sempre o manteve à esquerda e hoje talvez explique sua dedicação a dar aulas de teatro para comunidades carentes. A segunda o levou a um mergulho tal que o faz escrever versos, interpretar poemas alheios e animar saraus. Mesmo que realização seja uma palavra inadequada para a precária existência humana, pode-se dizer que você se encontra mais próximo dela do que nunca? Por quê?

Realização é palavra para fim de jogo, mas sim, estou fazendo o que gosto e podendo desenvolver bastante uma parte que só depende de mim. Quanto à militância, penso assim: é parte do meu espírito

a ideia de missão. Acho que tudo que fiz na vida, namorar inclusive, tinha um propósito ético e moral (isso embasou grandes besteiras). Não imagino fazer nada sem me questionar sobre a propriedade do ato. Hoje que esquerda e direita estão sendo repensadas como conceito, ousou afirmar que sempre fui um conservador revolucionário (e bunda mole). Tenho para mim que o ser humano tem dois impulsos necessários que sustentam suas ações: o da cooperação e o da competição. Para mim estão à esquerda os que privilegiam a cooperação como princípio de organização e/ou atuação social, os outros à direita. Mas minha busca na favela, rua, cadeia, puteiro ou lavoura é seguir a lição de Mário de Andrade, Villa-Lobos e Guimarães Rosa. É buscar a raiz do meu mundo. Se quero ser antena, preciso me antenar no que realmente importa. Ah, se alguém souber como posso ganhar algum com isso, a família, penhorada, agradece.

Que paralelo você traçaria entre as últimas quatro décadas no tocante à escrita e à recepção de poesia em nosso país?

Sinceramente, não sei dizer. Não sou literato, sou amador. Sinto que a poesia sempre esteve presente. A época dos jornais (veículo de palavras) foi de bastante exposição, os grandes poetas tinham muito espaço. Quando Drummond morreu, essa época tinha acabado. Os grandes cronistas também sumiram. Mas acredito que apenas da mídia. Nas feiras nordestinas, nos galpões gaúchos, na Praça XV e nos botecos, a poesia nunca deixou de ser praticada. A garotada foi achar o rap ou o CEP 20.000 e continuou a poetar porque a gente precisa disso. Os poetas se organizaram em grupos fechados apenas nas classes média e dominante das grandes cidades. Algo tão pouco

“prático” não andava bem-vindo ultimamente, mas a verdade se impõe. A poesia volta a aparecer porque é necessária. Antídoto para coisificação que nos assola, mesmo desejada, incomoda.

Arriscando-me a ser redundante, como você, com a experiência de todos esses anos de militância poética, avalia este momento tão especial para a poesia, que, mesmo vendendo pouco, se vê centro de uma verdadeira profusão de saraus, cafés literários, feiras e festivais?

É uma demanda da natureza humana. Em vez de “homo sapiens”, nossa espécie poderia se chamar “me engana que eu gostus”. A atração da resposta fácil, da pílula, do botão, do ter parece irresistível. Tão mais fácil acreditar no felizes para sempre do que pensar que tem que construir todo dia, tão mais fácil culpar a falta de dinheiro pela não felicidade... Daí a aposta no pragmatismo do mercado, a sensação de que assunto sério é a cotação do dólar, o resto é besteira. Mas lá no fundo, a vida bate e demanda completude. Então você, fazendo poesia, de repente se descobre a boia em que um bando de afogados vem se agarrar. Acho que esse é só um momento do movimento natural de sístoles e diástoles que é padrão de tudo que é vivo. Aparece, desaparece, mas está sempre lá.

Sabe-se de seu imenso apreço por Manuel Bandeira. A simplicidade é fundamental para a poesia?

Gosto mesmo. Acho que fundamental é ser genuíno (anagrama de ingênuo, como aprendi numa das entrevistas do livro *Papo contemporâneos 1*). Se você é complicado, é preciso que sua poesia também seja. Talvez seja uma característica do grande artista mostrar como é simples o que nos parece complicado.

Mesmo nas faculdades de Letras, encontramos um percentual razoável de estudantes dizendo da dificuldade de curtir ou mesmo compreender a poesia. Se fizéssemos uma enquete junto à população como um todo, então, a acolhida de escritos em versos se mostraria ainda mais problemática. Na luta titânica para mudar este quadro, certamente têm imensa importância iniciativas como a sua, de interpretar poemas na frente da câmera e disponibilizar as gravações no Youtube. Gostaríamos que falasse sobre esse projeto como um todo, indo das condições de produção à resposta do público.

Além de a escola ser planejada para convencer a garotada de que estudar é chato, nada no ritmo de hoje parece favorecer a concentração. As pessoas, que já tinham dificuldade de focar na leitura, agora não conseguem ouvir. Não é à toa que filmes e peças de teatro estão cada vez mais curtos. Vamos ver aonde isso vai dar. No blog *Papopoético*, um dos objetivos é contagiar, despertar o prazer de ler. Por isso estou o tempo todo com o livro na mão. Quando a gente vê alguém se divertindo de verdade, dá vontade de brincar daquilo também, né?

Como alguém que tem amigos de longa data dedicados à docência universitária mas cultiva uma persona que não tem nada a ver com a acadêmica, o que sugere que as faculdades de Letras façam para aproximar o campus e a cidade?

Na prática? Não sei. Na teoria, a gente pode lembrar que a educação deve servir à vida, e o *campus* é lugar de produção de conhecimento, não de simples transmissão. Daí desafiar os estudantes a perguntar à vida, à rua, que tipo de literatura lhes serve. Na minha escola ideal,

estudantes e professores passeariam pelo mundo real procurando suas próprias perguntas e cotejando com as das gerações anteriores apenas como forma de enriquecer sua própria leitura. Sala de aula só para dias de recolhimento, que também são necessários.

